



# IM-PERFEITO

AUTORA: Zuriñe Aguirre



## SUGESTÕES DIDÁTICAS

ENSINO FUNDAMENTAL – 6º E 7º ANOS

### ANTES DE LER O LIVRO

#### 1. Propostas de explorações e antecipações de leitura

##### *Habilidades da BNCC*

- (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- (EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.)

Quando lemos um livro, é comum realizarmos uma série de ações usualmente denominadas comportamentos leitores (LERNER, 2002), que nos ajudam a ler melhor. À medida que nos tornamos mais experientes, realizamos tais ações de forma tão amalgamada no ato de ler que nem sempre nos damos conta de que as realizamos antes mesmo de mergulhar na leitura do texto escrito propriamente dito. Devemos explicitar tais comportamentos leitores em aula, convidando os estudantes a explorar o livro de forma coletiva, por meio de perguntas em uma conversa prévia, de antecipação do que será lido e observado no livro. Assim, emprestamos nosso conhecimento de leitores, atuando como modelo a ser seguido pelas

crianças em suas leituras autônomas, que devem acontecer de forma cada vez mais frequente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dentre as ações de antecipação que fazemos ao ler, podemos considerar:

- Reflexões e questionamentos a partir do título.
- Autoria do texto e ilustração.
- Projeto e marcas gráficas que se apresentam já na capa.
- Exploração dos elementos paratextuais, como epígrafes, dedicatórias, quarta capa.

A decisão do que vai ser abordado com o grupo de estudantes faz parte do planejamento do professor, que explora antecipadamente o livro, pesquisa sobre o autor e o ilustrador, buscando saber se as crianças já têm referências sobre eles, sobre o tema do livro e o gênero literário. Embora o planejamento seja parte fundamental de toda leitura a ser realizada na escola e exija um trabalho minucioso do professor, que procura as melhores perguntas e intervenções para ajudar os leitores a ampliar sentidos construídos na leitura, é também essencial considerar que o momento da roda de leitura e de conversa em torno do lido envolve, necessariamente, uma postura de escuta, de respeito e de valorização do que será trazido pelas crianças e, portanto, de abertura à surpresa, ao inusitado.

## 2. Com o livro em mãos, o que explorar antes de ler

### Habilidade da BNCC

- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

*Im-perfeito* apresenta aos leitores a história de um rabisco muito tímido, que mora dentro de um lápis grafite. Há uma dificuldade muito grande de o rabisco aceitar suas próprias imperfeições. Ao comparar-se com círculos perfeitos e quadrados impecáveis, sua insegurança só aumenta. O tempo passa, o lápis grafite vai fazendo desenhos e formas, e nada de o rabisco sair. O que poderá ajudá-lo a existir e aceitar-se como é? Essa é a sinopse do livro e muito poderá ser explorado a partir desse enredo tão universal. Afinal de contas, quem nunca se deparou com a dificuldade de aceitar as próprias imperfeições? E o que seriam as imperfeições? Haverá uma demarcação clara definindo o que é perfeito e o que é imperfeito?

Por tudo isso, a primeira exploração com os estudantes poderá ser feita a partir do próprio título: *Im-perfeito*.

- O que esse título pode nos fazer pensar?
- O que é uma coisa imperfeita?
- Por que o título vem grafado desta maneira: “im-perfeito”? O que a autora quis dizer escrevendo dessa forma?
- E por que a autora, que também é a ilustradora do livro, optou por escrever o título em letra de mão?
- De que essa história vai tratar? Por que acham isso?

Nesse momento, é importante não se preocupar com respostas certas ou definitivas. Trata-se de um

levamento de hipóteses acerca do título, e, com essa proposta de aproximação, a ideia também é ensinar as crianças a terem um olhar investigativo a respeito desse elemento que compõe o livro. Depois de ler, vale retomar as observações iniciais das crianças, refletindo sobre sua possível pertinência e coincidência, com o que foi encontrado na leitura.

Mesmo que deixemos essa questão em aberto, a partir de uma escuta generosa e atenta ao que for dito pelos estudantes, é interessante termos em mente que a forma de grafar o título, *Im-perfeito*, sugere que o perfeito pode estar inserido na imperfeição, que tais conceitos e características não são tão apartados como muitas vezes imaginamos, e que a opção de grafar o título em uma letra de mão um tanto irregular reforça as pequenas imperfeições (ou seriam as belezas?) que podem existir no movimento inexato de uma escrita à mão.

Em seguida, devemos propor explorações acerca da epígrafe e da dedicatória, também para levantar hipóteses e nos aproximarmos da história. Com relação à epígrafe, vale se questionar: será que as crianças sabem o que é a epígrafe de um livro? Já viram esse expediente em outros títulos? Depois de ler esta epígrafe em aula, “De pessoas imperfeitas brotam coisas imperfeitas e maravilhosas que perderiam todo o seu charme e originalidade se fossem perfeitas”, reflita com o grupo:

- O texto que acabei de ler chama-se “epígrafe”. Em geral, a epígrafe é uma frase que aparece antes de a história começar e nos faz pensar sobre o que vamos ler. Alguém já viu um texto como esse antes, em outro livro?
- Por que a autora escolheu escrever essa epígrafe para este livro?
- Vocês acham que uma coisa imperfeita pode ser maravilhosa? Por quê?

Junto à epígrafe, há também uma dedicatória, elemento que pode ser mais conhecido das crianças e que, algumas vezes, também dialoga com o conteúdo da narrativa, como neste caso: “Para as minhas amadas crianças, todas perfeitamente imperfeitas”.

A partir dela, também se pode conversar:

- Como serão essas crianças, perfeitamente im-  
perfeitas? Dá para a gente imaginar? Serão  
muito diferentes de vocês? Por quê?

É importante ressaltar que todas essas antecipa-  
ções também estão ensinando as crianças a serem  
leitoras e a lerem melhor, uma vez que oferecem  
recursos que as aproximam das chaves de leitura da  
história. Por isso, habilidades relacionadas a ações  
de antecipação também estão previstas.

Ainda antes de começar a leitura, pode-se fazer a  
apresentação da autora e da tradutora, apontando  
para as crianças que muitos livros que lemos foram  
escritos em outra língua e necessitam de um trabalho  
de tradução, para que possamos lê-lo em português.  
Também pode ser interessante anunciar ao grupo  
que o livro a ser lido é o que costumamos chamar de  
livro ilustrado, e que, em títulos assim, as ilustrações  
são muito importantes para entendermos a história,  
muitas vezes revelando informações que não estão  
no texto. É um convite para que estejam com os  
olhos bem atentos à linguagem visual do livro.

## DURANTE A LEITURA

### 1. Organização do grupo e do espaço de acordo com a proposta

A leitura feita pelo professor, tal como estamos  
sugerindo, pode ocorrer de diferentes maneiras:  
**(1)** Apenas o professor com o livro em mãos,  
lendo e mostrando as ilustrações aos estudantes.  
Nesse caso, por ser um livro em que as ilustrações  
cumprem um papel importante na construção  
dos sentidos, é preciso organizar o grupo de modo  
que todos possam vê-las. As formações com todos  
sentados em círculo em um aconchegante tape-  
te ou com o professor sentado em uma cadeira,  
enquanto as crianças estão ao seu redor, sentadas  
no tapete, podem ser maneiras interessantes de  
configuração do espaço.

**(2)** Na leitura compartilhada, a proposta é que o  
professor leia o livro e que cada estudante acompa-

nhe a leitura tendo um exemplar em mãos. Nessa  
situação, as crianças podem ficar sentadas em cadei-  
ras, com o livro apoiado em mesas. O interessante  
dessa proposta para a faixa etária é que as crianças  
podem acompanhar a leitura, estabelecendo relações  
com o que o professor lê e com o que está escrito.

## DEPOIS DE LER O LIVRO

### 1. Abrindo espaço para a conversa

*Habilidades da BNCC*

- (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e  
outros recursos gráficos.
- (EF15LP09) Expressar-se em situações de inter-  
câmbio oral com clareza, preocupando-se em ser  
compreendido pelo interlocutor e usando a pa-  
lavra com tom de voz audível, boa articulação e  
ritmo adequado.
- (EF15LP11) Reconhecer características da conver-  
sação espontânea presencial, respeitando os tur-  
nos de fala, selecionando e utilizando, durante a  
conversação, formas de tratamento adequadas, de  
acordo com a situação e a posição do interlocutor.

Na escola, a conversa em torno do livro lido  
deve ter um lugar garantido no cotidiano. Ao  
compartilhar impressões sobre a leitura, os leitores  
aprendem a falar sobre o que leram, sintetizando e  
emitindo suas opiniões, escutam e valorizam per-  
cepções diferentes das suas e ampliam os olhares  
sobre a obra, agregando outros pontos de vista,  
para além do pessoal. Assim, ao lado da troca de  
impressões sobre o conteúdo abordado no livro, é  
na conversa que se pode aprender a observar ele-  
mentos presentes na narrativa textual e imagética.

O intercâmbio entre os leitores também pos-  
sibilita que se fale sobre as chaves de leitura do li-  
vro, ou seja, sobre aquilo que é importante para  
aquela narrativa, seu elemento determinante – o  
que é crucial para a compreensão leitora. Segundo  
a autora e pesquisadora argentina Cecília Bajour  
(2012, p. 63), as chaves de leitura podem ser com-  
preendidas como “modos específicos de se entrar

nos textos” – podem existir diferentes chaves para um mesmo livro, e escolher em qual ou quais colocará o foco é uma decisão do professor, que considera o conhecimento leitor de sua turma e para onde podem ou precisam avançar. Vale dizer que as crianças também podem trazer novas chaves na conversa e que esse movimento deve ser acolhido, considerado e valorizado.

Em uma boa conversa sobre o que foi lido, podemos contar com diferentes camadas de aproximação, que podem ser alcançadas por meio de perguntas gerais e outras mais específicas, elaboradas pelo professor (sempre lembrando, evidentemente, que a escuta é condição para a conversa, assim como a circulação de diversos olhares sobre a obra). As diferentes camadas de leitura podem abordar olhares mais pessoais ou subjetivos sobre a obra, a aproximação com o tema em questão e o foco em elementos narrativos, ou seja, a exploração acerca daquilo que compõe a arquitetura do texto – a sua forma.

Nesse sentido, pode ser interessante iniciar a conversa com perguntas gerais, tais como:

- Vocês acham que a história correspondeu ao que pensávamos encontrar neste livro? O que acham que foi parecido? E o que foi diferente?
- Depois de ler a história, o que mais podemos dizer sobre o título deste livro e a forma como foi grafado?
- Este livro fez lembrar alguma história que vocês já conheciam? Qual? E por quê?
- O que acharam dos personagens? Por que será que a autora escolheu justamente o rabisco como personagem principal?
- O que acharam do final? Era o que estavam esperando? Imaginavam algo diferente? O que imaginam que acontecerá com o rabisco daí em diante?

Em seguida, pode-se propor um intercâmbio sobre o tema em questão:

- Este livro fala sobre a perfeição e a imperfeição. Será que existem coisas totalmente per-

feitas e outras completamente imperfeitas? O que vocês acham?

- Quem consegue achar um exemplo de uma coisa que é perfeita e imperfeita ao mesmo tempo?
- Por que será que, muitas vezes, a gente deseja ser perfeito? Será que dá para ser perfeito? E o que seria “ser perfeito”?
- Vocês já se viram como esse rabisco do livro? Sem ter coragem de fazer alguma coisa por achar que não era bom o bastante? Alguém gostaria de contar como foi?

Em um terceiro momento, é possível seguir com uma conversa que possibilite uma investigação mais aprofundada sobre os elementos das narrativas textual e visual:

- Neste livro, os objetos surgem retratados com características humanas. Vocês observaram isso? Por que acham que a autora os ilustrou dessa maneira?
- Vamos explorar as páginas iniciais do livro: até a página 12, há um rabisco, como uma linha que segue em todas as páginas. O que acham disso? O que essa linha pode querer dizer ao leitor?
- Por que acham que esse rabisco desaparece de algumas páginas, para voltar apenas depois, quando o lápis decide conversar com o rabisco?
- O que podemos observar sobre as ilustrações? Notaram que elas misturam elementos reais, como partes de uma fotografia, e desenhos totalmente criados pela autora? Trata-se de uma técnica, de um jeito de ilustrar. Acham que esse jeito combina bem com a história? Por quê?

## **2. Exploração sobre o gênero: aprofundando o conhecimento sobre os apólogos**

Durante a conversa, diferentes habilidades podem ser trabalhadas no que diz respeito às práticas de linguagem relacionadas à produção textual, à leitura e escrita, e à oralidade.

Além de ser um livro (ou conto) ilustrado, *Im-perfeito* é exemplo de um tipo de narrativa em prosa

muito antigo denominada apólogo. De certo modo, ele é primo das fábulas, textos mais conhecidos de todos nós, cujos personagens são animais que vivem situações bastante humanas, nos apresentando reflexões sobre a vida, as virtudes e os defeitos, de modo a influenciar nossas ações. Os apólogos não trazem animais como personagens, mas objetos, seres inanimados que também se veem em situações pelas quais os humanos costumam passar. Será que as crianças conhecem outros apólogos?

Uma possibilidade seria escolher algumas dessas histórias para compartilhar com o grupo, a partir de uma pesquisa prévia na biblioteca da escola, propondo uma breve sequência de leitura de apólogos, buscando comparar as narrativas e criando um pequeno acervo dessas histórias. Se fizer sentido, pode-se elaborar um mural próximo ao canto de leitura com uma lista denominada “Apólogos que conhecemos” ou “Nossos apólogos preferidos”, e, de tempos em tempos, ir preenchendo e ampliando essa lista.

**PARA O PROFESSOR:** Um dos escritores mais importantes do Brasil escreveu um conto chamado “Um apólogo”. Nele, Machado de Assis apresenta o diálogo entre a linha e a agulha, que disputam o papel principal na costura de vestidos. Nesse conto, escrito com a maestria desse grande autor, o leitor é levado a refletir sobre a vaidade e o orgulho, o menosprezo e a prepotência que podem existir entre os humanos.

### 3. Desenho a partir de rabiscos: proposta de desenhos com interferência

*Habilidade da BNCC*

- (EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem,

quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Ao lado das habilidades já trabalhadas com foco em língua portuguesa, pode-se abarcar uma importante habilidade prevista para a área de artes, também como desdobramento do contato com o livro.

A partir da interferência de um rabisco em uma folha de papel em branco, o professor poderá convidar os estudantes a desenhar algo, tomando o rabisco como base. Como proposta, o rabisco deve ser “irregular”, como se feito à mão. Tomando-o como ponto de partida, o que será possível criar? Quantas coisas podem surgir daquilo que acreditamos ser imperfeito, tal como um rabisco irregular? Depois dos desenhos realizados, pode-se confeccionar um mural de exposição na sala de aula e convidar as crianças a falarem sobre o que fizeram e a apreciarem os desenhos dos colegas, observando o que foi realizado, as diferentes alternativas pensadas, os variados estilos e caminhos desenvolvidos por cada um, valorizando a diversidade de produções e a participação de todos.

## REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas*: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 28 jan. 2024.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola*: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.